

sapientia fidei. Partindo dessa identidade da teologia, Cabria estabelece as relações à filosofia a partir dos conceitos de *Logos* e de *Theós*. O primeiro implica o uso da filosofia, no desenvolvimento da própria racionalidade teológica, a diversos níveis. O segundo implica o uso de determinado modo de filosofar, na tarefa de pensar Deus. Inspirando-se na sugestiva obra de Gesché, explora os modos possíveis de pensar Deus, que aproximam a teologia da filosofia e vice-versa.

Uma terceira variação entra no estudo específico da relação, enquanto tal, entre filosofia e teologia. Ou seja, não se trata tanto de compreender a exigência dessa relação, a partir de uma delas (no caso do capítulo anterior, a teologia), mas sim explorar os modos possíveis e os modos desejáveis de relação mútua. Partindo de uma introdução histórica, o autor analisa diversas perspectivas de abordagem desta relação, concentrando-se nas propostas de alguns teólogos (católicos e evangélicos) e de alguns filósofos. Da diversidade das propostas estudadas – que permite compreender a complexidade do assunto – resulta uma tipologia concentrada em três perspectivas: ou a da exclusão mútua, ou a da tensão ou a da complementaridade. As propostas de solução levarão a conjugar a diversidade salvaguardada – na autonomia própria de cada uma – com uma complementaridade que permite certa integração mútua, a determinados níveis do saber.

Todas estas propostas desembocam num capítulo final, que sintetiza a posição do autor, numa sequência de 8 teses. Defendendo a possível relação entre filosofia e teologia, mesmo na actualidade, afirma-se a autonomia epistemológica de cada uma. Mas essa autonomia não significa que não possam acolher, uma de outra, elementos válidos, seja material seja formalmente.

A teologia, por exemplo, implica sempre um certo filosofar próprio. Ao mesmo tempo, ambas encaminham o saber para um nível de integralidade que supera a mera especialização científica. E o nível supremo dessa integralidade é a abordagem das questões últimas, em que se tocam perfeitamente ambos os saberes.

Mas este encontro – quase fusão – é essencial, ou seja, situa-se ao nível da definição fundamental de cada uma, não necessariamente ao nível da prática efectiva do seu método. A este nível podem manter certa indiferença legítima. Mas é uma atitude apenas metodológica. Porque ambas encontram a sua fonte na própria doação do ser, de que partem: a filosofia compreendendo o dom da realidade; a teologia, compreendendo o dom da palavra revelada.

Aí reencontramos, pois, o título da obra, como tese de distinção e, ao mesmo tempo, de identificação entre teologia e filosofia. Fica a questão de saber se é possível compreender verdadeiramente o dom da realidade, sem compreender a palavra (*credo ut intelligam*) ou se é possível compreender a palavra, sem compreender a realidade (*intelligo ut credam*). Ou, para tornar tudo mais complexo, se não será mais adequado aplicar a citada afirmação de Lain Entralgo (23): «*Intelligo et credo ut recte vivam*»...

JOÃO DUQUE

VENARD, Olivier-Thomas, OP, *Página sacra. Le passage de l'Écriture Sainte à l'écriture théologique*, posface de John MILBANK, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr) / Ad Solem (www.ad-solem.com), Paris, 2009, 1042 p., 210 x 140, ISBN 978-2-204-08787-2 (Cerf) / 978-2-940-402-56-4 (Ad Solem).

Este livro completa uma trilogia de O.-Th. Venard, escriturista e teólogo, atualmente professor na École Biblique de Jérusalem. A precedê-lo saíram *Littérature et théologie: une saison en enfer* (2003) e *La langue de l'ineffable: essai sur le fondement théologique de la métaphysique* (2004). Os três livros estão ligados por uma ideia de fundo que os atravessa: «Tomás de Aquino, poeta teólogo». Nos três anda subjacente o propósito de aproximar teologia, metafísica e poética; ou, se preferirmos, usando palavras suas, «as artes e as ciências da linguagem, por um lado, e a teologia, pelo outro» (p. 21). O título «*Página sacra*» sugere intencionalmente a designação que em outros tempos, nas escolas monásticas da I. Média e depois nas universidades, designava quer a teologia quer a Sagrada Escritura, justamente porque a teologia era escrita mais com a linguagem poética da mesma Escritura do que com palavras simplesmente humanas. O autor, dominicano, tem particularmente diante dos olhos Tomás de Aquino, a quem não hesita em apelidar de «poeta-teólogo». Em diálogo com aquela época, no presente livro procura redescobrir o segredo da continuidade entre escrita humana e poética divina, que produziu tantas obras primas em algumas práticas esquecidas: o Livro, o Crucifixo e a Eucaristia. Partindo de uma leitura da Bíblia que conjuga fé e crítica, mas procurando ir até às estéticas da adoração do Crucifixo e da comunhão eucarística, *Página sacra* contempla o Verbo divino que se enlaça com a voz humana para a tornar capaz de dizer Deus. Para pôr em evidência este enlace, conjuga exegeses medieval e contemporânea, histórias da arte e da cultura, literatura, teoria literária e teologia especulativa.

Para além do desencanto e do descrédito da metafísica na cultura contemporânea e da sua substituição por uma hermenêu-

tica «desconstrutiva» da linguagem (todavia nostálgica de uma Palavra primeira, originária e originante), mas também da teologia pura no interior de um mundo secularizado e da dificuldade de fundar a fiabilidade da Bíblia apenas na base de uma arqueologia das suas «camadas redacionais» – foi na frequentação dos maiores poetas contemporâneos (cf. p. 26), com destaque para Bonnefoy e Claudel, que O.-Th. Venard aprendeu que era «no interior do fervor religioso que o celebra, na leitura orante das Escrituras, na contemplação da cruz ou na celebração da eucaristia, [que] o Verbo encarnado fornecia aos homens a *philologia major* que persegue os profundos sonhos de absoluto dos poetas modernos e o *sublim talk* dos pós-modernos» (p. 27).

Venard é consciente de poder ser acusado de fugir à cientificidade da teologia, em favor de uma espécie de apologética ou de simples considerações piedosas (p. 27). No seu modo de ver, porém, «no contexto pós-moderno, [a teologia] deve combinar reflexões e práticas, acontecimentos e sinais em contínua interação, para se tornar o motor de uma verdadeira cultura, irrigada pelas suas fontes bíblicas» (30). É nessa ordem de tratamento que ele traz á reflexão e ao exercício «o conhecimento como poética, ou a razão aberta a mais que a razão» (31).

O texto, que no que toca a Venard conta 900 páginas, está dividido em duas partes: 1ª – «Poética da Sagrada Escritura»; 2ª – «Poética da recepção da Sagrada Escritura». Num primeiro capítulo, da 1ª parte – «A Bíblia entre história, literatura e teologia» – aprofunda a diferença entre a leitura tradicional e a exegese moderna da Escritura; no II – «Há uma poética bíblica?» – interroga-se sobre o domínio da história pela palavra ao longo da Sagrada Escritura e sobre as razões que o cristão pode ter para lhe prestar confiança; no III – «Une

poétique évangélique?» – examina, com mais pormenor, a especificidade literária do NT, sobretudo dos evangelhos; no IV – «Para uma poética teológica» – descreve, segundo uma lógica de conveniência, a luz que o mistério de Cristo projecta sobre o ser e a linguagem.

A 2ª parte concentra-se na ligação profunda que, sobre o registo da experiência, se desvela entre a leitura (ou audição) da palavra na *lectio divina* e a vida espiritual. Assim, no cap. V, Venard faz a descrição da disciplina da *lectio*, tal como foi ensinada nos mosteiros, cerca de um século antes de Tomás de Aquino. No VI, estuda as consequências da mesma *lectio* e no VII as suas marcas e inícios na obra de S. Tomás de Aquino. Os seis capítulos seguintes são consagrados ao desdobramento da Escritura na celebração do mistério cristão, concretizada em duas experiências onde a poética bíblica toca a vida do homem cristão: a da cruz e a da eucaristia.

O livro é complementado por uma leitura crítica da trilogia de Venard, feita pelo conhecido fundador do movimento «Radical Orthodoxy», John Milbank (pp. 901-976). Faz-lhe uma ligação aos três lugares onde os três livros foram sucessivamente escritos: Paris, Toulouse e Jerusalém. Em profundas e pertinentes reflexões, evidencia a influência seminal dos poetas modernos em Venard, bem como a sua intenção de convidar a repensar o «intellectualismo» dominicano. Trata da linguagem como «lugar» da teologia, da literatura como «lugar» da linguagem e da Bíblia como «lugar» da literatura. E de outras coisas mais que não podem ser aqui resumidas. Um excelente estudo de setenta e cinco páginas que valeria por si mesmo, além de constituir, de algum modo, uma homenagem aos méritos teológicos de Olivier-Thomas Venard.

JORGE COUTINHO

VIDE RODRÍGUEZ, Vicente, **Em que Deus cremos nós?**, Coimbra: Gráfica de Coimbra: 2009, 184pp.

Este pequeno volume, de leitura muito acessível e proveitosa, enquadra-se no género «introdução ao cristianismo», que muitos teólogos contemporâneos de renome têm publicado nas últimas décadas. Desta vez, trata-se de um teólogo de Bilbao, docente na Universidade de Deusto. A obra foi publicada em Espanha, em 2008, e imediatamente traduzida ao português. E justifica-se a tradução, sobretudo se pensarmos que, tal como no resto da Europa, também em Portugal é crescente a ignorância em relação às características fundamentais do cristianismo.

Diferentemente de muitas outras publicações do género, esta enquadra a apresentação sintética – mas adequada e profunda – do cristianismo no contexto do actual «regresso do religioso». Não se trata, portanto, de debater a crença em Deus, num mundo de descrença ou secularizado. Trata-se, isso sim, de esclarecer os elementos fundamentais do cristianismo, que permitam distingui-lo no actual supermercado das crenças e das práticas «religiosas». Nesse sentido, os primeiros três capítulos são dedicados ao tratamento do fenómeno religioso na cultura contemporânea, seja como regresso do sagrado, seja como desenvolvimento da experiência religiosa e espiritual.

Sobre este pano de fundo complexo e, por vezes, confuso, o autor desenvolve, então, os elementos fundamentais do cristianismo. Começa com o esclarecimento do significado das categorias fundamentais da visão bíblica do mundo e de Deus: a revelação e a fé. Estas categorias permitem, logo de início, discernir entre a vida propriamente cristã e outras difusas experiências religiosas – interessantes e até importantes,